

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KARINE GOMES LADEIRA

**A EDUCAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS NO *EMÍLIO* DE ROUSSEAU**

CURITIBA

2017

KARINE GOMES LADEIRA

**A EDUCAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS NO *EMÍLIO* DE ROUSSEAU**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.º Dr. Udo Baldur Moosburger

CURITIBA

2017

## TERMO DE APROVAÇÃO

KARINE GOMES LADEIRA

### A EDUCAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS NO *EMÍLIO* DE ROUSSEAU

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof.º Dr. Celso de Moraes Pinheiro

---

Prof.ª Dra. Karen Franklin da Silva

---

Prof.º Dr. Udo Baldur Moosburger

CURITIBA

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Ao prof.<sup>o</sup> Dr. Udo Baldur Moosburger, pela orientação e apoio durante a realização deste trabalho.

À Sabrina Nunes Cordeiro, pela amizade e pela troca de conhecimentos durante o curso.

À prof.<sup>a</sup> Dra. Beatriz Ávila Vasconcelos, pelo apoio durante o estudo e preparação para o ingresso no curso.

“Permaneçe sempre firme no caminho da verdade, ou do que te parece sê-lo na simplicidade do teu coração, sem te afastares dele por vaidade ou por fraqueza.”

Rousseau

## RESUMO

*Emílio* é considerado a obra mais importante de Rousseau, dela deriva sua tese de educação natural. A obra desagradou a sociedade europeia do século XVIII, por apresentar reflexões sobre a formação do homem, tratando a educação da criança como ferramenta principal e base para essa formação. Apesar de se tratar de uma obra conhecida e de importância significativa para os estudos de filosofia e educação, há no *Emílio* um assunto pouco abordado em estudos sobre Rousseau: a educação do corpo e dos sentidos. Considerando isto, resultado de um estudo dos dois primeiros capítulos do *Emílio*, este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão do pensamento de Rousseau sobre a educação do corpo e dos sentidos durante a infância. Além disso, pretende-se com este trabalho contribuir para futuros estudos que tenham o intuito de partir da educação do corpo e dos sentidos para a elaboração de outras possíveis pesquisas.

**Palavras-chave:** Educação. Corpo. Sentidos. Infância. Rousseau.

## **ABSTRACT**

Emílio is considered the most important work of Rousseau, from it derives his thesis of natural education. The work displeased the European society of the eighteenth century, for presenting reflections on the formation of man, treating the education of the child as the main tool and basis for this formation. Although it is a work known and of significant importance for the studies of philosophy and education, there is in Emílio a subject little discussed in studies about Rousseau: the education of the body and the senses. Considering this, the result of a study of the first two chapters of the Emile, this work aims to contribute to the understanding of Rousseau's thinking about the education of the body and the senses during childhood. In addition, this work intends to contribute to future studies aimed at starting from the education of the body and the senses to the elaboration of other possible researches.

**Keywords:** Education. Body. Senses. Childhood. Rousseau.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>1. A EDUCAÇÃO NATURAL</b> .....	09
<b>2. EDUCAÇÃO DO CORPO</b> .....	12
2.1 A ALIMENTAÇÃO.....	14
2.2 OS MOVIMENTOS DO CORPO.....	15
2.3 O AMBIENTE.....	19
<b>3. EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS</b> .....	21
3.1 VISÃO.....	22
3.2 TATO.....	25
3.3 AUDIÇÃO.....	27
3.4 PALADAR.....	28
3.5 OLFATO.....	30
3.6 O SEXTO SENTIDO.....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um estudo dos dois primeiros capítulos do *Emílio*, de Rousseau, e tem como objetivo contribuir para a compreensão do pensamento desse filósofo, especificamente sobre a educação do corpo e dos sentidos durante a infância. Além disso, tendo em vista que há poucos estudos sobre esse tema, este trabalho tem o objetivo de servir como contribuição para futuros estudos que tenham o intuito de partir da educação do corpo e dos sentidos para a elaboração de possíveis críticas ao modelo de educação defendido pela sociedade atual, entre outras possíveis pesquisas.

O trabalho é dividido em três capítulos: o primeiro trata da educação natural, apresentando a tese de Rousseau sobre esse modelo de educação. O segundo capítulo trata da educação do corpo da criança; sobre como deve ser o tratamento do corpo da criança, considerando os movimentos de seus membros, sua alimentação, o ambiente em que deve ser educada e a importância do exercício físico para seu desenvolvimento. O terceiro capítulo trata da educação dos sentidos, apresentando uma análise do pensamento de Rousseau sobre a função da visão, do tato, da audição, do paladar, do olfato e do que o pensador define como sexto sentido.

*Emílio* foi considerado pelo próprio Rousseau como sua obra mais importante. A obra desagradou à liderança política e religiosa europeia de sua época, foi alvo de censura e ocasionou a prisão do autor. Nela, Rousseau elabora uma tese de como deve ser a educação do homem desde seu nascimento até a idade adulta. Para tal, cria um aluno imaginário e, a partir dele, orienta o leitor sobre a melhor maneira de educar o ser humano. O pensamento de Rousseau sobre educação apresentado nessa obra é de uma importância significativa para a compreensão da formação do homem. Considerando isto, é possível encontrar no pensamento do filósofo uma fonte de reflexão sobre a educação da criança, sobretudo ao considerar a infância como a fase em que se constrói a base da formação moral do homem.

## 1. A EDUCAÇÃO NATURAL

Logo no início do Livro I, Rousseau declara: “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem.” (2014, p.7) Esta declaração ilustra seu pensamento sobre a educação defendido no *Emílio*: há dois tipos de educação, a educação que segue a natureza – a qual proporciona uma formação plena, sem deformações – e a educação que segue os preceitos do homem, da qual resulta uma formação corrompida. Para o filósofo, a criança nasce boa por natureza e, enquanto sua educação for condizente com sua natureza, tudo estará bem e seu desenvolvimento a levará à conservação de sua essência bondosa. Ao passo que, se sua educação for direcionada pelos preceitos do homem, sua formação será degenerada e a levará a se tornar um ser deturpado e afastado de seu estado natural de concepção.

Segundo o filósofo, a sociedade – por ser sustentada por instituições sociais, as quais estão carregadas de preconceitos, de autoridade, de exemplos, ou seja, de vícios – afasta o homem de seu ser mais original, abafando nele sua natureza. Rousseau entende o modo de organização da sociedade urbana como um sistema corrupto. Por isso, seu pensamento sobre educação é marcado pela oposição ao estilo de vida adotado por esse sistema.

Considerando isto, Rousseau defende que a melhor educação é aquela que é guiada pela natureza e disso deriva sua teoria da educação natural, a qual defende que a criança deve ser educada de maneira autônoma, vendo no adulto apenas um mediador de sua educação. Educar de maneira autônoma inclui promover liberdade para o desenvolvimento do corpo e dos sentidos da criança, não interrompendo as etapas naturais de seu desenvolvimento. Como afirma Dalbosco: “a educação natural tem como meta o desenvolvimento sensório-motor da criança, visando ao fortalecimento do corpo e ao refinamento dos sentidos.” (2011, p.33)

De acordo com Dalbosco, Rousseau desenvolve no *Emílio* uma tese filosófica original de que é na infância que está a chave da compreensão do homem e da sociedade. Isto se deve ao entendimento de que a infância determinará o futuro do homem, é na infância que são dadas ao ser humano as

primeiras noções sobre a vida e sobre quem é para si mesmo. Sendo assim, a educação é o fator que norteia a vida da criança e a molda, ensinando o que lhe é necessário para que se torne um homem fortalecido e feliz. Neste pensamento, inclui-se a ideia de que é preciso respeitar a ordem das coisas, considerando que o tempo da infância deve ser respeitado em todos os seus aspectos e que, por conta disso, é preciso que a formação da criança receba a devida atenção do adulto e que seja muito bem cuidada durante o período em que a criança precisa dele.

Segundo Dalbosco (2011), o período entre o nascimento até os 2 anos de idade é chamado de primeira infância. Neste período, a criança vive a idade da necessidade. Nesse momento de sua vida, ela é totalmente dependente do adulto e, para crescer e se desenvolver de forma saudável, precisa de cuidado e proteção. Mas, vale ressaltar, que esse cuidado e proteção deve ser sabiamente pensado e organizado a fim de ser bem direcionado; isto é, na primeira infância o adulto deve saber observar a criança, cuidar dela e protegê-la, de maneira bem pensada, para que ao mesmo tempo que suas necessidades sejam supridas, seu desenvolvimento espontâneo e natural não seja comprometido.

Ao defender a teoria da educação natural, Rousseau estabelece uma determinada concepção de família em que o principal responsável pela educação da criança é o pai, ou seja, é ele o educador, e à mãe cabe o papel de cuidar da criança e atender às suas necessidades. Este modelo de família está ligado ao modelo de família dos camponeses em que cada pessoa tinha uma tarefa definida dentro do corpo familiar. Com sua teoria, Rousseau se contrapõe ao pensamento de sua época, como afirma Dalbosco:

Neste aspecto, Rousseau contrapõe-se ao costume tradicional de sua época – cultivado por grande parte da nobreza e da nascente burguesia que vivia na cidade – de permitir que as crianças fossem criadas e amamentadas fora do ambiente familiar, nas aldeias, pela ama de leite. (2011, p.44)

Seguindo esse modelo de família defendido por Rousseau como a mais adequada, no que concerne à educação da criança, o adulto deve assumir a função de “mediador entre suprir suas necessidades e evitar o surgimento de

suas vontades fantasiosas.” (DALBOSCO, 2011, p.44). Essa mediação é a forma mais adequada de dar cuidado à criança sem cometer exageros, pois os cuidados excessivos podem cultivar nela vícios que podem corromper sua formação natural.

Segundo Dalbosco, a tese central do primeiro livro é da organização do adulto, isto é, o modo como o adulto deve agir diante da criança durante a primeira infância, de modo a fornecer os cuidados indispensáveis para sua formação, principalmente no aspecto corpóreo. A atenção do adulto nesse momento da vida da criança deve se voltar a fornecer condições para que a criança fortaleça seu corpo e aguçe seus sentidos em harmonia com a natureza. Esse tipo de orientação, dada pelo adulto, prepara a criança para conhecer seu próprio corpo, suas capacidades e suas próprias limitações.

No livro II, Rousseau trata da segunda infância, chamada de idade da natureza, a qual corresponde ao período dos 2 aos 12 anos. Para Dalbosco, durante esse período, “a criança já demonstra possuir mais força física que vontades em sua mente.” (2011, p.45). Considerando isto, a próxima etapa da educação é oportunizar o contato direto com a natureza sensível; nesse momento a criança deve ter espaço para conhecer e sentir o que existe ao seu redor. Para tal, é preciso que a criança seja mantida no campo, pois é no campo que ela pode mais verdadeiramente ter o contato com a natureza, o qual será necessário para seu desenvolvimento. A sugestão de que o campo é o melhor lugar para que a criança seja educada se deve ao fato de que Rousseau vê no campo uma possibilidade de se distanciar da vida urbana, porque, como já mencionado, o pensador via como corruptor o modo de vida adotado pelo meio urbano.

Para Rousseau, a educação vem ao encontro da criança por meio de três vias: da natureza, do homem e das coisas.

O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 2014, p.9)

Essas três vias são comparadas a três tipos de mestres, os quais guiarão o ser humano em sua formação. Todos os três tipos de educação são fundamentais, mas agem de maneira diferente, pois enquanto a educação da natureza age por si só - sem depender do homem - e a educação das coisas só depende em alguns aspectos, a educação dos homens é a única que pode ser mais sujeita a interferências. Deste modo, dos três tipos de educação, a mais perfeita é a que provém da natureza, todavia, não se deve combater um desses tipos de educação para dar lugar a outro, mas usá-los como partes do desenvolvimento da criança.

O modelo de educação defendido por Rousseau sugere que há uma ordem natural para a formação do ser humano e que essa ordem deve ser respeitada. Isto inclui respeitar o tempo que se deve dispensar a cada fase da vida, não interferindo e, por consequência, não modificando sua forma original. Esse modelo de educação não prioriza o aspecto intelectual em detrimento do aspecto corpóreo do ser, mas atribui importância a ambos, considerando a educação corpórea fundamental para a formação da razão do homem.

## **2. EDUCAÇÃO DO CORPO**

Ao nascer, o ser humano possui um corpo que foi preparado pela natureza com faculdades e com órgãos aptos a atender suas necessidades para viver e se desenvolver, mas que é completamente carente de força, de assistência, de entendimento; isto é, o ser humano nasce sem referência alguma sobre qualquer coisa e, apesar de possuir um corpo preparado para promover sua sobrevivência, o indivíduo chega ao mundo sem saber usar suas faculdades e seu próprio corpo. Sendo assim, tudo o que o ser humano precisa na infância para se desenvolver vem da educação, a educação será a responsável por moldar e determinar como será o homem.

Segundo Rousseau, nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados pelas coisas que nos cercam (2014, p.10). De igual maneira, somos afetados pelos hábitos que adquirimos, aos poucos, desde o nascimento. Portanto, as experiências da criança durante sua primeira infância - o modo como seu corpo é tratado, a maneira pela qual o adulto atende ou não suas

necessidades - definirá sua formação a partir de hábitos cultivados. Por isso, é de suma importância que o adulto esteja preparado para perceber as necessidades da criança e ter sabedoria para atendê-las, de modo a supri-las sem permitir que se tornem embotadas ou mimadas. A tese defendida por Rousseau é de que a educação não deve deixar que o cuidado para com a criança falte ou seja dispensado em demasia, pois, em ambos os casos, haverá falha no modo de educar.

As instituições sociais comprometem no homem sua natureza e o tornam fraco. Em contrapartida, a natureza torna o homem forte e autossuficiente.

Arrastados pela natureza e pelos homens a caminhos contrários, forçados a nos dividir entre esses diversos impulsos, seguimos uma composição que não nos leva nem a um, nem a outro objetivo. Assim combatidos e errantes durante toda a nossa vida, terminamo-la sem termos podido entrar em acordo com nós mesmos, e sem termos sido bons nem para nós, nem para os outros. (ROUSSEAU, 2014, p. 13 e 14)

A educação segundo a natureza tem como foco a educação para a vida. A preocupação central desse tipo de educação não é formar para um ofício, uma profissão, mas sim formar para que a criança esteja preparada para viver, pois viver é o principal ofício a ser ensinado, como afirma Rousseau:

Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu. (2014, p.15)

Sentir a vida é fundamental para a existência, portanto a educação deve ter como objetivo formar o indivíduo de modo que viva em plenitude consigo mesmo e com seus sentimentos pela vida, pois

Viver não é respirar, mas agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais viveu não é o que contou maior número de anos, mas aquele que mais sentiu a vida. (ROUSSEAU, 2014, p.16)

Mesmo sem ter conhecimento sobre o mundo, a criança - logo no momento em que nasce - ainda que sem consciência de nada, já começa a aprender. A sua experiência antecipará as lições que receberá. Portanto, sua educação começa no momento de seu nascimento e a maneira como será tratado seu corpo moldará todo o seu ser, tanto no aspecto físico quanto no aspecto mental.

## 2.1 A ALIMENTAÇÃO

Para Rousseau, pensar em educação natural é pensar, primeiramente, numa educação para o corpo da criança. A educação pensada como meio de fortalecer e desenvolver o corpo prepara o ser humano para saber suportar e saber como agir diante dos bens e dos males que a vida possa lhe oferecer. Por isso, considerando que a educação começa desde o nascimento, a primeira educação vem do alimento, o qual é de responsabilidade da mulher - porque é dela que provém o leite que alimenta a criança, sustentando seu corpo.

Desse modo, a educação primeira da criança é entendida como dever, de maneira primordial e incontestável, da mãe.<sup>1</sup> Rousseau justifica seu pensamento por via da afirmação de que se a educação da criança fosse responsabilidade do homem, o corpo da mulher não teria sido criado de modo a gerar leite para alimentar uma criança. Este argumento deriva de sua teoria sobre educação natural que considera que a natureza fornece o que o ser humano precisa para viver e que se deve seguir sua ordem. Considerando isto, uma vez que a mulher tem em seu corpo seios que produzem o leite que alimenta a criança e que, no começo da vida, educar é cuidar das necessidades corpóreas, é dela o papel de educar durante a primeira infância. Por isso, para o pensador, todo tratado de educação da primeira infância deveria ser direcionado às mulheres.

Rousseau defende que o leite é o alimento que pode suprir as necessidades do corpo da criança e que este leite deve ser de boa procedência. Para tanto, faz-se necessário que a criança seja alimentada por uma mulher saudável, não somente de corpo, mas também de coração. Isto é, uma ama deve

---

<sup>1</sup> Na primeira infância a mulher atua como principal educadora da criança pelo fato de que nesse período a educação é direcionada a atender somente necessidades corpóreas. Todavia, não é da mulher a responsabilidade de educar a criança em todas as fases de sua formação.

ter amor para cuidar da criança, deve estar livre de vícios e paixões para que, deste modo, evite o sofrimento do ser que está sendo alimentado de seu leite e dependendo de seus cuidados. Há nisto a exigência de um comportamento moral da mulher.

O filósofo critica o comportamento da mãe que despreza seu dever, ao tratar com irresponsabilidade o papel de cuidadora de seu filho, e afirma que o mau comportamento da mãe incita o mau comportamento da criança durante seu desenvolvimento; acredita-se que ao demonstrar desprezo e outras atitudes inadequadas, educa-se a criança para que desenvolva vícios. Sendo assim, o comportamento da mulher que dá o leite para suprir a necessidade da criança influi diretamente no seu comportamento ulterior.

## 2.2 OS MOVIMENTOS DO CORPO

No século XVIII existia o hábito de enfaixar o corpo das crianças ao nascerem. Rousseau critica essa atitude sob a justificativa de que a forma pela qual tratavam as crianças as impediam de se desenvolverem em liberdade e de modo natural, ou seja, da forma como foram criadas no ventre da mãe. Além disso, impediam que a criança, durante seu crescimento, treinasse seus órgãos corporais. Enfaixar o corpo das crianças, para o filósofo, é considerado uma violência, uma vez que a impede de esticar seus membros, agride e deforma seu corpo, impede o bom desenvolvimento das funções do corpo causando-lhe dor e sofrimento. Sendo assim, o ato de enfaixar o corpo da criança é um modo de educar segundo os preceitos do homem, contrariando a natureza.

As roupas da criança devem ser confortáveis, que não lhe apertem o corpo e que não causem nenhum tipo de desconforto. As roupas devem ser largas e devem permitir que a criança se movimente com facilidade. Rousseau aconselha que a criança use um camisão por muito tempo e que depois use uma roupa bem larga. As cores das roupas devem ser alegres, porém, deve-se ter o cuidado para que a criança não crie o desejo de ter roupas caras, pois, deste modo, elas estarão valorizando o luxo e tudo o que vem do que é supérfluo, e esse sentimento não vem de sua essência, mas é inculcado pelo adulto. Ao dar

roupas de valor para a criança como recompensa, o adulto ensina-lhe que o valor de um homem se mede pela roupa que veste.

De acordo com Rousseau, é possível identificar quando a criança está sofrendo ou apresentando algum comportamento mimado a partir de seu choro. Os bebês expressam sua linguagem pela voz, através do grito e do choro, e pelos gestos – perceptíveis pelas expressões de seu rosto.

Desse choro, que acreditaríamos ser tão pouco digno de atenção, nasce a primeira relação do homem com tudo o que o cerca. Aqui se forja o primeiro elo da longa cadeia de que é formada a ordem social. (ROUSSEAU, 2014, p.54)

O choro da criança é uma manifestação de sua reação diante do mundo. Por via do choro, é possível perceber se a criança precisa que alguma necessidade seja suprida ou se algum mau hábito precisa ser corrigido. De acordo com Rousseau, uma criança que movimentar seu corpo de maneira livre, chorará menos do que uma criança enfaixada. Entende-se que a criança só conhece as necessidades físicas e que o motivo de seu choro se deve ao sofrimento físico; logo, quanto menos seus movimentos forem impedidos, contrariados, menos haverá nela a necessidade do choro. O choro que deriva de algo que não seja o sofrimento físico é entendido como um sinal de que a criança está submetida a uma educação corrompida; desse modo, se há uma criança sem faixas em seu corpo - ou qualquer impedimento que a faça se sentir desconfortável - e que mesmo assim chora com frequência, este choro é a manifestação de hábito e de teimosia.

A pele deve, também, ser educada para ser forte. Educa-se a pele ao permitir que a criança se exponha a diferentes temperaturas, suportando-as. Além disso, Rousseau ressalta a importância de permitir que a criança ande descalça, a fim de tornar a pele de seus pés resistentes. O filósofo cita como exemplo que ao educar seu aluno Emílio, deixa-o andar livremente, descalço, em qualquer época do ano e que apenas se deve tomar cuidado para deixar o ambiente livre de vidros que possam causar ferimentos. A parte isto, o ideal é que Emílio explore o ambiente livremente.

De resto, que ele aprenda a dar todos os passos que favorecem as evoluções do corpo, a tomar em toda as atitudes uma posição

cômoda e sólida; que saiba saltar em distância, em altura, subir em árvores e pular um muro; que encontre sempre o equilíbrio; que todos os seus movimentos e seus gestos sejam ordenados segundo as leis da ponderação, muito tempo antes que a estática venha a explicá-los a ele. Pela maneira com que seu pé toca a terra e seu corpo pesa sobre a perna ele deve sentir se está bem ou mal. (2014, p.171)

Rousseau considera o exercício do corpo como parte importante para a educação durante a infância e defende a brincadeira não apenas como divertimento, mas como exercício para que a criança aprenda enquanto brinca. Neste sentido, ao participar de jogos que exercitam o corpo e educam a criança de modo natural, tudo o que aprende durante o exercício é pela própria experiência e não pelo ensinamento que vem do adulto e isso é de suma importância para a formação da criança. A partir da experiência, durante o exercício físico, de acertar e errar, de sentir prazer e dor é que a criança descobre o que lhe faz bem ou não.

Embassado no pensamento de Montaigne, Rousseau defende que a educação que provém da ginástica torna o corpo forte e contribui para o desenvolvimento de um espírito igualmente forte.

Falando da educação de uma criança, diz ele que, para lhe enrijecer a alma, é preciso endurecer seus músculos; ao costumá-la ao trabalho, acostumamo-la à dor; é preciso treiná-la na aspereza dos exercícios para educá-la para a aspereza das luxações, da cólica e de todos os males. (2014, p.150)

Portanto, é por via do exercício físico que as próprias capacidades naturais da criança são descobertas e é disso que deriva sua educação. Uma boa educação do corpo e dos sentidos é a base para a formação de um bom caráter. Desse tipo de educação resulta a força, a capacidade de suportar as situações difíceis da vida e de saber fazer bom uso da razão.

Para Rousseau, uma educação contrária à natureza compromete em grande medida a capacidade futura da criança de fazer frente aos problemas de sua vida que exigem o uso de um corpo disponível para a atividade. Quanto menos livre o corpo permaneceu durante a infância, mais despreparado ele será no futuro. Portanto, há no *Emílio* a reflexão de que é na infância que se constrói a base para a vida toda e, dependendo da forma pela qual a criança é cuidada,

é possível que na vida adulta tenha que enfrentar muitos problemas. Rousseau cita como exemplo os adultos que não conseguem encontrar um jeito certo de educar suas crianças:

Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa chorando. Ora a sacodem e a mimam para acalmá-la, ora a ameaçam e lhe batem para que fique quieta. Ou lhe fazemos o que lhe agrada, ou exigimos dela o que nos agrada; ou nos submetemos às suas fantasias, ou a submetemos às nossas: não há meio termo, ela deve dar ordens ou recebe-las. Assim, suas primeiras ideias são as de domínio e de servidão. Antes de saber falar ela dá ordens, antes de poder agir ela obedece e, às vezes, castigam-na antes que possa conhecer seus erros, ou melhor, cometê-los. É assim que cedo vertemos em seu jovem coração as paixões que depois imputamos à natureza, e após nos termos esforçado para torna-la má, queixamo-nos de vê-la assim. (2014, p.25)

A falta de sabedoria no tratamento da criança, durante a primeira infância, educa de maneira errada, pois ensina com base em paixões que a deixam débil de corpo e mente. Esse tipo de educação faz da criança ou escrava ou tirana, não lhe proporciona um conhecimento pleno de si mesma e a torna incapaz de ter sabedoria para conduzir sua vida no futuro. Percebe-se aí que a personalidade do adulto é fruto de sua educação durante a infância. Desse modo, todas as falhas de caráter que o homem venha a apresentar, certamente resultam de uma educação corrompida, que educou para a fraqueza, sem seguir a educação natural, a qual prepara a base para o desenvolvimento de forças que formam um caráter moral no futuro.

No momento em que precisar dar os primeiros passos, é importante que a criança aprenda de maneira livre, sem a interferência de qualquer estímulo que prive seu corpo de se desenvolver livremente. Considerando isto, faz-se necessário deixar a criança em um espaço aberto, com ar puro, onde ela possa se movimentar à vontade. Nesse momento, não há necessidade de receios em relação a deixar que a criança caminhe por conta própria e, possivelmente, venha a se machucar. Segundo Rousseau, o sofrimento causado pelo machucado é, também, importante para que a criança, além de crescer mais fortalecida, sinta-se menos reprimida e, por consequência, mais alegre. A experiência de se machucar, faz parte de seu desenvolvimento e sua educação

também acontece por essa via, pois “o bem-estar da liberdade compensa muitos machucados”. (ROUSSEAU, 2014, p.71)

Portanto, cada descoberta feita pela criança sobre os movimentos de seu próprio corpo são indispensáveis para sua boa educação. O próprio corpo se torna um educador natural para a criança, pois ele mesmo a ensina lições. Tomando como exemplo o machucado: se uma criança se machuca, ela aprende com o próprio sofrimento, sem que alguém lhe diga com palavras, que comete erros e que pode corrigi-los; duas lições adquiridas pela própria experiência com seu corpo. Esta é apenas uma situação de tantas outras, as quais proporcionam a educação natural da criança. Contudo, isso só é possível se houver a liberdade necessária para o corpo da criança e a ausência de interferências que derivam de convenções sociais.

### 2.3 O AMBIENTE

O pensamento de Rousseau sobre o ambiente de educação da criança se opõe ao pensamento da sociedade de sua época - adotado especificamente pelas grandes cidades. Contrário ao modo de agir da sociedade, deixando as crianças em lugares fechados, Rousseau acredita que, nos primeiros anos de vida, a criança precisa de ar puro, precisa ficar mais tempo ao ar livre, de preferência no campo, ao invés de ficar num quarto fechado. Sobre isto, Rousseau defende: “prefiro que a criança vá respirar o bom ar do campo a que respire o mau ar da cidade.” (2014, p.43) Para o pensador, a cidade é um lugar maléfico às pessoas e, uma vez que é na infância que se forma o homem, é preciso que afaste a criança da cidade para que sua educação não seja conduzida de maneira errônea.

Rousseau entende que quanto mais próximo da natureza, quanto mais isolado da cidade o homem estiver, mais saudável se desenvolverá seu corpo. Para o filósofo, “as cidades são o abismo da espécie humana”. (2014, p.43) Sendo assim, quanto mais reunidos em grupos os homens estiverem, mais suscetíveis de doenças para o corpo e vícios para a alma os homens estarão; por isso se faz tão necessário que a criança seja colocada em um ambiente aberto e livre de pessoas para que tenha uma boa educação.

Rousseau entende todos os aspectos do cuidado da criança como uma forma de educá-la, por isso, até o momento do banho também é considerado uma forma de educar o corpo da criança. Rousseau sugere que no momento do nascimento, deve-se lavar a criança somente com água um pouco aquecida, sem nenhuma mistura.<sup>2</sup> Depois de um tempo, deve-se acostumá-la pouco a pouco a banhar-se nos rios com temperaturas naturais, a fim de tornar a criança adaptável tanto a temperaturas quentes como a frias. Isso faz com que a criança não se distancie do ambiente natural e, com isso, seu corpo se torne mais fortalecido.

Rousseau defende a importância de o adulto assumir uma postura de observador da criança durante a primeira infância. Isto significa não inferir ensino moral, mas deixar a criança manifestar seu modo particular de ser e, assim, mostrar o que ele chama de “o germe de seu caráter”. Essa postura do adulto em relação à criança, dá espaço à educação natural e à liberdade necessária para sua primeira formação. Ao acompanhar a criança, sem julgá-la, é possível observar e descobrir quais as possíveis falhas de caráter surgirão no futuro. Além disso, ao deixar a criança livre para errar e pagar por isso desde cedo, ensina-se sem uso de palavras, mas permitindo que a criança aprenda pela própria experiência.

Para o filósofo, uma criança não precisa de dinheiro ou qualquer bem material que possa vir dele e que não sirva para sua subsistência. “É vosso tempo, são vossos cuidados, vossas afeições, sois a vós mesmos que é preciso dar, pois, de qualquer maneira, sempre se sente que vosso dinheiro não sois vós.” (2014, p.98). Neste sentido, o pensamento de Rousseau vai contra o pensamento da sociedade moderna, a qual, via de regra, não dispensa tempo e paciência na educação da criança, mas tenta suprir a ausência de cuidado com dinheiro.

Na primeira infância, os hábitos da criança são criados por meio da imitação e é neste momento que o adulto deve agir de modo a orientar a criança, através do exemplo, a criar bons hábitos e ensiná-la a lição que Rousseau

---

<sup>2</sup> O costume da época era de acrescentar vinho à água usada para lavar as crianças durante o banho, Rousseau julga esse acréscimo pouco necessário.

considera como a mais importante: nunca fazer mal a ninguém. Este ensinamento será fundamental à criança durante os primeiros anos de sua vida e nos outros, até que ela tenha capacidade de discernimento para adotar outros hábitos que a tornará moral. Com isso, compreende-se que a educação do corpo não se dá separada da educação moral, mas é uma etapa da formação plena do homem moral. Como afirma Rousseau:

É um erro muito lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito, como se essas duas ações não devessem combinar e uma não devesse sempre dirigir a outra! (2014, p.137)

Na educação natural, considera-se o corpo como parte diretamente ligada ao espírito, sendo assim, não há a dualidade corpo x espírito, pois considera-se o fato de que ambos pertencem a um só ser e que um depende do outro para se desenvolver bem. O corpo deve ser bem educado para dar boa sustentação ao homem durante toda a sua vida e para evitar que se crie vícios desde a infância, os quais possam afetar seu espírito. Sendo assim, não há como considerar corpo e espírito separadamente. Sobre isto, Rousseau declara:

Como tudo o que entra na razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros não equivale a nos ensinar a raciocinar, mas sim a nos ensinar a nos servirmos da razão de outrem; equivale a nos ensinar a acreditar muito e a nunca saber nada. (2014, p.148)

Educar o corpo e os sentidos é criar uma base que sustentará a educação do intelecto do homem. “Para aprender a pensar, devemos portanto exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência.” (2014, p.149) Desse modo, o corpo bem educado servirá de instrumento da mente. Um corpo forte e são ajuda o espírito, a mente, a se desenvolver de maneira saudável. Portanto, entende-se que é um erro pensar a educação do corpo como algo oposto e separado da educação do intelecto.

### **3. EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS**

As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam no ser humano são os sentidos e, por isso, precisam ser cultivadas. No entanto, são esquecidas, deixadas de lado. “Exercitar os sentidos não é apenas fazer uso deles, mas aprender a bem julgar através deles é aprender, por assim dizer, a sentir.” (ROUSSEAU, 2014, p.160)

Durante a infância, a criança avalia seu sentido através do efeito sensível dos sinais. Sobre isto, Rousseau faz uma relevante observação. “É nessa idade que se tomam as primeiras lições de coragem e, suportando sem pavor as dores leves, aprende-se aos poucos a suportar as grandes.” (2014, p.70)

### 3.1 VISÃO

As primeiras sensações das crianças vêm por via do que elas percebem. Na fase em que elas estão impossibilitadas de andar e de tocar as coisas, elas sentem por percepção afetiva, isto é, percebem o mundo pelo prazer e pela dor. Diante disso, “elas precisam de tempo para formar aos poucos as sensações representativas que lhes mostram os objetos exteriores a elas.” (ROUSSEAU, 2014, p.49)

O cuidado com a criança é parte da educação que é direcionada a ela, por isso, para evitar que a criança apresente problemas de adaptação ao que lhe é novo, faz-se necessário que previna a criança de hábitos que possam “acostumá-la mal” ou, em outras palavras, fazer com que ela apresente comportamentos inadequados, os quais possam se tornar hábitos. Por exemplo, aconselha-se acostumar a criança com a escuridão para que ela não a estranhe ou comece a chorar e gritar quando for preciso que a deixem num quarto escuro durante a noite.

Preparai à distância o reinado de sua liberdade e o uso de suas forças, deixando em seu corpo o hábito natural, colocando-a em condições de sempre ser senhora de si mesma e de fazer em todas as coisas a sua vontade, assim que a tiver. (2014, p.49)

Na fase inicial da vida, a criança só presta atenção no que atinge seus sentidos, isto é, a partir do que ela vê, toca, ouve, respira, sente em seu corpo. Nessa etapa, a visão determina o que a criança pensará sobre o mundo

posteriormente. Sobre isso, Rousseau utiliza como exemplo um dos sentimentos que a criança pode desenvolver: o medo. Por não ter conhecimento de nada, a criança tende a ter medo de tudo aquilo que não conhece e, segundo o pensador, o medo vem da falta de familiaridade que a criança tem com certos objetos e imagens. Desse modo, uma das maneiras de evitar que a criança cresça com um comportamento medroso é apresentando a ela, aos poucos, as imagens e objetos dos quais possa ter medo no futuro; mas que, se conhecer desde cedo, de tão familiarizada, não desenvolverá este sentimento.

Os sentidos agem como guias na educação da criança, são eles os responsáveis por possibilitar, em primeira instância, o aprender. Neste sentido, a visão é um sentido importantíssimo na determinação do que a criança absorverá do mundo exterior. Posteriormente à visão, a criança passa a fazer uso do tato. Ainda sem a noção da origem dos seres e objetos que estão ao seu redor, é pelo movimento que a criança adquire conhecimento do que é ela mesma e do que é o outro, na maioria das vezes estende seus bracinhos para pegar o que visualiza.

Como a visão é, de todos os sentidos, aquele de que menos podemos separar os juízos do espírito, é preciso muito tempo para aprender a ver; é preciso ter comparado durante muito tempo a vista com o tato para habituar o primeiro desses dois sentidos a nos fazer um relato fiel das figuras e das distâncias; sem o tato, sem o movimento progressivo, os mais aguçados olhos do mundo não seriam capazes de dar uma ideia da extensão. (2014, p.177)

Para Rousseau, o sentido da visão é enganador; isto se explica pelo fato de que nem tudo o que é apresentado ao ser humano por via desse sentido é de fato real. Ao expor sua tese sobre o uso desse sentido, o filósofo recorre à comparação da visão com o tato e explica: enquanto o uso do tato permite que o ser humano concentre sua atenção em torno dele mesmo, ou seja, ao tocar um objeto, tem-se somente uma impressão sobre o objeto; no que diz respeito ao uso da visão, entende-se que esta estende suas funções para além do homem e, pela distância de perspectiva, é possível que se tenha várias impressões sobre um único objeto.

Diante disso, a visão é considerada o sentido mais falível dentre os demais, porque ele está sujeito a erros de percepção e suas funções se

estendem de maneira rápida e ampla demais em relação aos outros sentidos. Sendo assim, por oferecer a possibilidade de ilusões de perspectiva - uma vez que ao olhar algo, cria-se uma só imagem que pode ser a real ou não - não se deve esperar que se conheça algo verdadeiramente por via desse sentido, pois nele não há nada de concreto. Considerando isto, o ideal é que a visão esteja subordinada ao tato; primeiro a criança tateia um objeto, sentido de maneira concreta seu aspecto para depois vê-lo. Dessa maneira, não há o risco de se criar uma ideia precipitada e, por consequência, enganosa sobre a natureza de algo.

A partir do sentido da visão e do uso dos movimentos de seu corpo, é possível ensinar a criança a medir, conhecer e avaliar as distâncias. Estes ensinamentos ela aprende de maneira espontânea, sem forçar nada em seu corpo.

Eis uma cerejeira muito alta, como faremos para colher as cerejas? A escada da granja servirá para isso? Eis um riacho bem largo, como faremos para atravessá-lo? Uma das pranchas do pátio poderá apoiar-se nas duas margens? Gostaríamos, de nossas janelas, de pescar nos fossos do castelo; quantas braças deve ter a nossa linha? Gostaria de pôr um balanço entre estas duas árvores; uma corda de duas toesas será suficiente? [...]  
(2014, p.173)

Por ser mais vulnerável a enganos, a visão é o único dos sentidos que se pode separar das faculdades do espírito, por isso, educá-lo requer tempo. Segundo Rousseau, para aprender a ver é preciso ter comparado a visão ao tato durante muito tempo. A visão por si só, de início, não consegue fazer um relato fiel das figuras e das distâncias, é preciso o auxílio do tato para não julgar as coisas de maneira superficial. Toma-se como exemplo os sonhos, os delírios... em que a criança visualiza algo, mas o que visualiza não é a realidade, aí se situa o risco do uso por si só desse sentido, uma vez que há nele a possibilidade de oferecer à criança a ideia de algo ilusório.

Pela visão a criança avalia as coisas, por isso considera-se que a visão está ligada ao juízo das coisas. Todavia, antes de avaliar se faz necessário observar as coisas ao redor por via do tato e do movimento do corpo. Há um processo antes da avaliação, o qual inclui caminhar, apalpar, medir por meio das

percepções que se tem de modo espontâneo. Somente após este processo é que a criança estará preparada para avaliar o que vê. Dessa forma, antes o corpo sente para poder conhecer e, assim, habitua o sentido da visão para fazer juízo das coisas. Não é aconselhável que a criança passe da observação para a avaliação rapidamente. O aperfeiçoamento da visão requer tempo e etapas de evolução.

O sentido da visão propicia, também, a educação por via da imitação das figuras. Uma forma de expor a observação que as crianças fazem das figuras é por meio do desenho. A criança deve desenhar não exatamente pelo cultivo da arte, mas para treinar o sentido da visão e para exercitar o uso da mão e torná-la mais coordenada. Considerando isto, Rousseau critica a prática de desenhar sobre desenhos prontos e defende que, para ensinar Emílio a exercitar seu corpo e seus sentidos por via do desenho, colocaria diante dele a própria natureza e objetos, os quais ele pudesse ver e, pela captura da figura pelo olho, conseguisse passar para o papel o resultado de sua observação.

Percebe-se que o modo de educar pela natureza exige simplicidade, não exige interferências nem grandes estímulos externos. Utilizando o pensamento de Rousseau para pensar a sociedade atual, pode-se dizer que esse modelo de educação defendido pelo filósofo é oposto ao modelo que, via de regra, é adotado pela sociedade contemporânea em suas diversas instituições.

Deste modo - considerando que, apesar de parte importante da formação da criança, a visão é um sentido sujeito a falhas – deve-se pensar a educação desse sentido, durante a infância, orientado pelo tato. Portanto, será o tato responsável por conhecer as coisas e guiar a visão, não o contrário.

### 3.2 TATO

O tato age no corpo como uma sentinela para advertir sobre tudo de mau que possa acometê-lo. Este é o primeiro sentido de que o ser humano deve fazer uso, é o sentido que deve ser adquirido mais cedo. De acordo com Rousseau, o tato pode oferecer ao homem a capacidade de conhecer coisas que ele poderia conhecer também pela visão, no entanto, sob uma perspectiva mais fiel à

realidade. Além disso, entende-se que o tato poderia ser melhor exercitado se não fosse criado o hábito de orientá-lo pela visão.<sup>3</sup>

Rousseau aconselha que o tato seja treinado no escuro para que, assim, a criança possa se preparar melhor para o desconhecido. Deste modo, o tato é um sentido que precisa ser treinado com intuito de exercer função semelhante à visão. Uma vez que o homem treina o sentido do tato para reconhecer objetos que estão à sua frente, mesmo sem os ver, torna-se mais preparado a reconhecer o que o cerca mesmo no escuro ou em situações em que tenha de lidar com o desconhecido e reconhecer algo sem o auxílio de outro sentido.

Considerando isto, a noite pode ser um momento adequado para que, através de brincadeiras, a criança treine seu tato, movimente seu corpo e consiga observar as sensações que chegam até ela.

Quando estiverdes fechado numa casa no meio da noite, batei as mãos; percebereis, pela ressonância do lugar, se o espaço é grande ou pequeno, se estais no meio ou num canto. A meio pé de uma parede, o ar menos ambiente e mais refletido vos dá uma outra sensação no rosto. Ficaí parado e girai o corpo sucessivamente em todas as direções; se houver uma porta aberta, uma ligeira corrente de ar vo-lo indicará. Se estiverdes num barco, sabereis pela maneira como o ar bate no rosto não só em que sentido ides, mas também se a corrente do rio vos arrasta lenta ou velozmente. Essas observações, e mil outras semelhantes, só podem ser bem-feitas à noite. (ROUSSEAU, 2014, p.161 e 162)

Conhecer a noite, por via das sensações experimentadas pelo corpo, faz com que o medo do escuro e do desconhecido seja desfeito. Para Rousseau, o que causa o medo é a ignorância das coisas que nos rodeiam e do que se passa ao nosso redor. (2014, p.162) Ao se habituar, através da brincadeira, com a escuridão e o desconhecido enquanto criança, ao atingir a idade adulta não imaginará situações que lhe causam medo quando não há luz, pois não precisará ver o que acontece ao redor para ter ciência do que ocorre verdadeiramente,

---

<sup>3</sup> O pensamento de Rousseau de que o tato não deve ser orientado pela visão faz oposição ao costume de promover uma educação prejudicada pelo mau uso dos sentidos, a qual não explora o uso tato por si só. O erro consiste no hábito de subordinar o tato à visão, ou seja, quando as primeiras percepções da criança se dão pela visão (sentido enganador) ao invés de serem alcançadas pelo tato (sentido mais fiel à realidade), há um erro no modo de educar.

uma vez que terá seus pés habituados a se firmar no escuro, bem como suas mãos preparadas para tatear corpos que possa encontrar.

Rousseau vê o tato sob dois aspectos: considera o tato o sentido mais imperfeito porque se mistura o seu uso com o da visão e, uma vez que o olho alcança um objeto mais rapidamente do que a mão, na maioria das vezes, julga-se algo precipitadamente, a partir do que os olhos veem, sem se certificar sobre o que se “vê” por via das mãos; neste sentido, entende o tato como subdesenvolvido por uma educação que privilegia a visão. Todavia, considera-o o mais seguro dentre todos os sentidos, porque, enquanto os demais sentidos alcançam o objeto ao longe, o tato alcança até um local limitado, logo, o tato permite que se identifique algo de perto e com mais precisão. Diante disso, considera-se o valor cognitivo do tato: permite conhecer o objeto por ele alcançado sem submetê-lo a uma função ilusória. Nisto, distingue-se da visão, que está na base de frequentes apreensões ilusórias.

### 3.3 AUDIÇÃO

Assim como a visão e o tato, os ouvidos devem ser educados a fim de tornar a criança preparada para ser forte e saber agir quando for preciso, sabendo enfrentar o desconhecido. Os ouvidos devem ser educados a reconhecer os sons à noite e saber diferenciar os ruídos quando vêm de um corpo grande ou pequeno, se o corpo está perto ou distante, se ele se movimenta de maneira brusca ou leve. A educação da audição tem por objetivo preparar a criança para reconhecer os sons. Desse modo, tanto no desenvolvimento do tato como no desenvolvimento da audição, a noite – com sua escuridão - pode ser entendida como uma metáfora da ignorância, sendo o exercício dos sentidos um modo de afastar-se dela.

Para Rousseau, o aprender pela audição tem importância fundamental na educação da criança. Por isso, o ideal é que antes que a atenção da educação se concentre na leitura como ferramenta de ensino, faz-se necessário deixar que a criança aprenda pelo o que ela ouve, pois, a partir da audição pura, pode-se aprender lições necessárias para o desenvolvimento de sua percepção.

Relacionada à audição está a voz. Sobre este aspecto Rousseau orienta que a criança não deve ser ensinada a declamar ou elaborar sua fala. Para a criança, espera-se que desenvolva uma fala uniforme e mais simples.

Ensinai-lhe a falar uniformemente, claramente, a articular bem, a pronunciar exatamente e sem afetação, a conhecer e respeitar o acento gramatical e a prosódia, a ter sempre uma voz bastante alta para ser ouvido, mas nunca mais do que o devido, defeito comum nas crianças educadas nos colégios; em todas as coisas, nada de supérfluo. (2014, p.187)

Desse modo, deve-se educar sua voz para ser clara e comedida, uma voz adequada para sua comunicação, sem exageros. A fala uniforme não permite que se misture a ela possíveis paixões, mesmo que ainda não desenvolvidas.

Nesse processo de educação pelo som e pela voz, a música é considerada um bom instrumento de aprendizagem. No entanto, Rousseau acredita que sobre o uso da música para o ensino, não é necessário que se ensine grandes performances às crianças. O ideal é que ouçam músicas com letras e sons simples, os quais a criança consiga acompanhar sem dificuldades.

Em suma, a educação da audição ensina a perceber o que há ao redor da criança, a conhecer os corpos alheios a ela. Além disso, prepara a criança para saber que tipo de pessoa deve manter proximidade ou distância, bem como para saber como agir diante do que possa estar em sua presença. Ademais, a educação da audição serve também para ensinar o bom uso da fala, de modo que a criança cresça com o entendimento de que sua fala deve sempre ser comedida. Pode-se dizer que essa compreensão de comedimento na fala tem relação com o pensamento que sustenta a tese da educação natural e que deve ser aplicada a todos os sentidos; o comedimento, nem a mais e nem a menos do que a natureza pede que o homem faça para sua sobrevivência.

### 3.4 PALADAR

O paladar é considerado por Rousseau, dentre todos os sentidos, o que mais afeta a criança. Isso ocorre porque esse sentido é o mais distante da imaginação e, uma vez que na infância a criança é norteadada por necessidades

físicas e o paladar é um sentido puramente físico e material, esse sentido ganha força nessa etapa da formação humana.

Para Rousseau, o ideal é que a criança cultive os gostos naturais, que não os corrompa pelos hábitos; seu paladar deve preferir os gostos mais naturais e simples. Isto é, o primeiro alimento da criança deve ser o leite, o qual é produzido naturalmente por sua ama. Depois, alguns frutos, legumes e carnes grelhadas sem muito tempero. É preciso adaptar o paladar aos poucos a gostos mais fortes. De acordo com Rousseau, quanto mais nos afastamos de nosso estado natural, mais nos afastamos de nossos gostos naturais e, por conta do hábito, substituímo-los por outros gostos que não são naturais. Por consequência disso, com o passar do tempo, não conseguimos mais reconhecer os gostos que condizem com o estado natural. A alimentação deve servir para sustentar o corpo e conservar o paladar próximo a seu estado natural.

A alimentação mais adequada para a criança é baseada em vegetais e alimentos leves. Rousseau defende a tese de que o consumo da carne não é uma atitude condizente com o estado natural do homem e que prova disso é a indiferença com que as crianças tratam a carne:

Uma das provas de que o gosto da carne não é natural para o homem é a indiferença que as crianças mostram por esse alimento, e a preferência que dão a alimentos vegetais, assim como aos laticínios, à pastelaria, às frutas etc. (2014, p.195)

Diante disso, o filósofo aconselha a não tornar as crianças carnívoras, respeitando assim sua indiferença natural pela carne. O ideal é que sempre ofereça à criança os alimentos mais simples e mais relativos à natureza.

De acordo com Rousseau, durante a infância, a alimentação da criança deve ser constantemente supervisionada. Deve-se habituar a criança a comer alimentos comuns e simples e cuidar para que, quando sentir fome, não fuja das regras estabelecidas e procure se alimentar com alimentos que possam viciar seu paladar. Por alimentos que possam viciar o paladar entende-se todo alimento que não faz bem ao organismo e que, ao ser ingerido, atende mais às paixões que às necessidades alimentares do corpo.

Da mesma maneira que a visão está ligada ao tato, o olfato está ligado ao paladar. O sentido do olfato cumpre a função de advertir o paladar sobre alguma substância que possa afetá-lo. Todavia, paladar e olfato estão em oposição no que diz respeito à proporção de seu uso durante a infância. Enquanto o paladar é o sentido que deve ganhar lugar significativo na formação da criança, o olfato não deve ser muito explorado durante essa fase da vida.

### 3.5 OLFATO

Rousseau denomina o olfato como o sentido da imaginação, este está ligado a sensações que desestabilizam os sentimentos do homem e também às paixões. Em outras palavras, o olfato é o sentido que está mais próximo à sexualidade, por isso entende-se que de todos os sentidos, o olfato deve ser o menos ativo durante a infância. Para o filósofo, devido ao fato de a criança não possuir experiência suficiente para lidar com sua sexualidade e as emoções que estão ligadas a ela, não se torna adequado estimular o sentido que abre espaço para a imaginação, as paixões e tudo o mais que possa decorrer disto.

Para Rousseau, não há um emprego muito útil para o sentido do olfato que não seja conhecer as relações desse sentido com o paladar. Para o filósofo, essa ligação entre sentidos se explica pela própria natureza que os situou em proximidade no corpo humano, de modo que a criança não come sem antes cheirar o alimento. Sobre isto, aconselha-se que, ao educar a criança, o adulto não engane um sentido para dar lugar a outro.

Para ilustrar a necessidade da utilização do olfato em conjunto com o paladar, Rousseau toma como exemplo o momento em que se deseja oferecer um remédio amargo ao paladar criança e, ao mesmo tempo, oferece-lhe um cheiro agradável ao seu olfato a fim de enganá-lo e facilitar a ingestão do remédio. Segundo o filósofo, isso é um erro. Considerando que tudo o que age contra a natureza induz ao vício, a tentativa de manobrar um sentido para facilitar o uso de outro, ao invés de dar solução a um problema, estende ainda mais sua dimensão; pois, uma vez que a criança percebe que foi enganada com um cheiro agradável seguido por um gosto amargo, além de sua repulsa pelo cheiro do remédio, ela sentirá repulsa pelo aroma agradável que a enganou. Sendo assim,

a atitude do adulto, numa tentativa de amenizar um problema, confere a criança um vício.

### 3.6 O SEXTO SENTIDO

Ao final do livro II, Rousseau fala de um sexto sentido, o qual pode ser chamado de senso comum. Aqui, faz-se necessário ressaltar que a expressão “senso comum” não está ligada ao modo que é entendida hoje, significando uma ideia comum a todos e não muito aprofundada, mas como uma parte do cérebro que tem por finalidade instruir sobre a natureza das coisas, a partir de todas as suas aparências. Este sentido resulta do uso bem regrado de todos os sentidos. Como já dito, ele se localiza no cérebro e suas sensações, puramente internas, chamam-se percepções ou ideias. Este sentido abre um espaço maior para a formação da razão. Desse modo, posterior a ter feito uso da razão sensitiva, de ter chegado ao que Rousseau chama de razão pueril, a criança passa a fazer uso de seus sentidos para formar ideias simples, avançando, assim, para uma formação adulta.

O pensamento de Rousseau sobre a formação do homem defendido no *Emílio* é de que da educação do corpo e dos sentidos da criança dependerá a formação moral do homem. Por isso, deve-se respeitar a infância de modo a não inferir algum ensinamento que corrompa a ordem da natureza. Neste sentido, deve-se tratar a criança como criança, como afirma Romani:

A condição primeira para que o desenvolvimento cognitivo e o moral se tornem possíveis, é o respeito à infância, o que significa não apressar nem julgar as crianças nas condições que não lhes são próprias. O importante é que ela faça suas próprias provações e escolhas para, assim, reconhecer suas necessidades, podendo se tornar autônoma e responsável; do contrário, a criança estaria sendo educada pela razão, o que a tornaria um adulto em miniatura, conduzindo a que seu tempo de ser criança seja antecipado. (2012, p.22)

Em suma, o objetivo de uma educação do corpo e dos sentidos é explorar todas as capacidades motoras e sensoriais da criança, de modo que sua formação favoreça o desenvolvimento de suas virtudes. Para Rousseau, a educação segundo a natureza, a qual entende o corpo e os sentidos como

fundamentais para a formação do homem, é o único caminho pelo qual o ser humano pode se manter o mais próximo de sua essência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sobre a educação do corpo e dos sentidos, no *Emílio*, leva à compreensão de que é um equívoco considerar que o corpo do ser humano deve ser entendido em oposição ao seu espírito. A tese de Rousseau, presente na obra, rompe com a dualidade corpo x espírito, pensando estes dois aspectos do ser humano como partes interligadas de um mesmo ser. Não há a ideia de que um é mais importante que o outro, bem como não há a ideia de que a formação do ser deve privilegiar um em detrimento do outro.

O modelo educacional estabelecido por Rousseau assumiu uma posição contrária ao modelo educacional de sua época e pode ser entendido, também, como oposto ao modelo educacional da educação tradicional que a sociedade atual tomou como padrão. Se realizadas futuras pesquisas que tenham por objetivo elaborar uma crítica contrária ao modelo educacional atual, muito provavelmente se encontrará respaldo no pensamento de Rousseau, pois a leitura do *Emílio* resgata a ideia de que é preciso considerar a corporeidade da criança durante sua educação; e essa ideia faz oposição a uma sociedade que antecipa ensinamentos morais às crianças e que não respeita o processo natural de formação do ser humano.

Considerando isto, as reflexões encontradas no *Emílio* se tornam relevantes, principalmente quando entendidas como forma de garantir à criança uma educação menos agressiva ao seu corpo, a qual preza pelo respeito por seu tempo e por sua autonomia. Neste sentido, entende-se que é possível encontrar no pensamento de Rousseau os fundamentos necessários para se pensar a condução da educação da criança de uma maneira que respeite sua natureza e possibilite que sua formação propicie a conservação de sua essência original.

Portanto, pode-se concluir que os preceitos defendidos por Rousseau em sua tese sobre a educação natural podem servir de base para o entendimento de como deve se dar o comportamento do adulto diante da criança. Além disso,

deve-se considerar que a compreensão acerca desse modelo de educação pode contribuir para se pensar em uma formação que valorize todos os aspectos que compõem o ser humano, entendendo a educação do corpo e dos sentidos como forma de preparar a criança para que se torne um adulto forte em corpo e em caráter, o qual – conhecendo a si mesmo – sinta-se preparado para lidar com as situações da vida. Esse tipo de educação não corrompe, mas conduz à verdade, tornando o homem apto a viver de acordo com sua própria natureza.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALBOSCO, Cádio Almir. Filosofia e Educação no *Emílio* de Rousseau – O papel do educador como governante. Campinas: Editora Alínea, 2011.

ROMANI, Simone. Corporeidade e Educação: sobre corpo e sentidos no segundo livro do *Emílio* de Rousseau. Revista Filosofia Capital – RFC ISSN 1982-6613, Brasília, vol. 7, n. 14, p. 20-33, jan/2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.